

A COORDENAÇÃO ADVERSATIVA SUBSTITUTIVA NÃO X, MAS Y: UMA ANÁLISE DISCURSIVO-FUNCIONAL PARA O APAGAMENTO SINTÁTICO

Gabriel Henrique GALVÃO PASSETTI*
Erotilde Goreti PEZATTI**

- **RESUMO:** Este artigo investiga, sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, a coordenação adversativa substitutiva, em que o segundo membro coordenado – e, às vezes, o primeiro também – é expresso por sintagma ou palavra, como em *cê num dá tanto valor ao ídolo, mas à música dele*. Essas estruturas têm recebido pouca atenção por parte de estudos funcionalistas, com exceção da Semântica Argumentativa (ANSCOMBRE; DUCROT, 1977; VOGT; DUCROT, 1980). De acordo com a teoria aqui adotada, nessas expressões, há dois Atos Discursivos relacionados, tendo o segundo membro da coordenação molde de conteúdo Tético com um Subato. Semanticamente, ambos os membros constituem Conteúdos Proposicionais e, em última instância, predicções, em que o segundo membro apresenta molde de predicação Identificacional, Classificacional ou Relacional, formulados numa interação entre os componentes Gramatical e Contextual. Assim, o segundo membro da coordenação é expresso por um único sintagma ou palavra, que introduz a informação nova (focal), considerada pelo Falante importante para atualizar a informação pragmática do Ouvinte. Advogamos, em consonância com o modelo teórico adotado, que não há apagamento de constituintes da predicação no segundo membro, mas que o fenômeno é resultado de uma discrepância (*mismatch*) entre os níveis pragmático e semântico na gramática do português.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Coordenação adversativa; Contraste; Mas_{SN}; Apagamento; Gramática Discursivo-Funcional

Introdução

Anscombre e Ducrot (1977), Vogt e Ducrot (1980), entre outros, sob a perspectiva da Semântica Argumentativa, diferenciam duas funções exercidas por *mais* em francês, cujo correlato para o português é *mas*: *mas_{PA}* e *mas_{SN}*.¹ De acordo com Guimarães

* Universidade Estadual Paulista (Unesp). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE). São José do Rio Preto – SP – Brasil. ORCID: 0000-0001-5001-6666. gabriel.galvao@unesp.br.

** Universidade Estadual Paulista (Unesp). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE). São José do Rio Preto – SP – Brasil. ORCID: 0000-0001-8822-9587. erotilde.pezatti@unesp.br.

¹ De acordo com Anscombre e Ducrot (1977), *pa* se refere a *pero* e *aber* e *sn*, a *sino* e *sondern*; *pero* e *sino* são do espanhol e *aber* e *sondern*, do alemão.

(1987), a primeira função, exemplificada com *Paulo era mais adequado para o cargo, mas não foi escolhido*, estabelece uma orientação argumentativa, indicando que o que deve ser levado em conta é o que está expresso no segundo enunciado; já a segunda, exemplificada com *Ela não é nadadora, mas atleta*, tem função opositiva, mas não argumentativa, e aparece sempre depois de um enunciado negativo, com função de corrigir uma informação dada ou subentendida.

Segundo Pezatti, Paula e Galvão Passetti (2019), Pezatti e Galvão Passetti (2021) e Galvão Passetti (2021), que analisam a coordenação não oracional com *mas* sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), os membros coordenados, tanto por mas_{PA} como por mas_{SN} , constituem Atos Discursivos,² a menor unidade identificável de comportamento comunicativo. Semanticamente, eles representam Conteúdos Proposicionais que veiculam predicções. Ainda de acordo com os autores, mas_{PA} marca a função retórica Concessão, exercida pelo Ato Discursivo correspondente ao primeiro membro, como em (1), ao passo que mas_{SN} codifica a função pragmática Contraste, desempenhada pelo Conteúdo Comunicado correspondente ao segundo membro, conforme em (2).³

- (1) Inf.: sabe que eu fiz ontem?... matei uma galinha... *caipira mas bem gorda...* (AC-122, RP: L. 305)

NI: $(A_i: [... (C_i: (T_i) (C_i))_{FOC}] (A_i))_{Conc} (A_j: [... (C_j: (T_j) (C_j))_{FOC}] (A_j))$

NM: $(Aw_i: -caipira- (Aw_i)) (Gw_i: \downarrow mas (Gw_i)) (Ap_i: -bem gorda- (Ap_i))$

- (2) Inf.: acho que se tivesse uns professor ma::is... mais:... *não mais bem pago mas sim mais:... mais sério...* (AC-015, RO: L. 876)

NI: $(A_i: [... (C_i: (T_i) (C_i))_{FOC}] (A_i)) (A_j: [... (C_j: (T_j) (C_j))_{FOC-CONTR}] (A_j))$

NM: $(Gw_i: não (Gw_i)) (Ap_i: -mais bem pago- (Ap_i)) (Gw_j: \downarrow mas (Gw_j)) (Gw_k: sim (Gw_k)) (Ap_j: -mais sério- (Ap_j))$

Neste estudo, interessa-nos o segundo caso, em que a coordenação com *mas* indica “substituição” (PEZATTI; PAULA; GALVÃO PASSETTI, 2019; PEZATTI; GALVÃO PASSETTI, 2021; GALVÃO PASSETTI, 2021), “refutação” (ANSCOMBRE; DUCROT, 1977), “rectificação” (MÓIA, 2008), “refutação-rectificação” (SOUSA, 2008) ou ainda “exclusão” (MATOS; PRADA, 2005). Nessas estruturas, o primeiro membro contém um operador de polaridade negativa, comumente a partícula *não*, excluindo a informação do primeiro membro, enquanto *mas* instrui o Ouvinte a

² Palavras que designam conceitos teóricos da GDF são grafadas com a primeira letra maiúscula.

³ Para uma descrição detalhada da diferença, tanto de formulação como de codificação, entre *mas* concessivo e *mas* contrastivo, cf. Galvão Passetti (2021).

substituir, em sua representação mental, a informação negada pela asserida no segundo membro.

O objetivo deste artigo é mostrar que o segundo membro dessas coordenações – e, às vezes, o primeiro também –, codificado por Sintagma ou Palavra, constitui predicação em que não se expressam todos os argumentos, como *sim o da cultura* em (3), sem necessidade de se recorrer a regras de apagamento.⁴

- (3) - quanto é que calcula que vale a sua coleção?
-> bem, não sei dizer, é muito difícil. eh, nã[...], não há, neste momento não há em jo[...], *não está em jogo o aspecto... monetário*
- sim.
-> *mas sim o da cultura.* (CV95:Coleccionismo)

O estudo é de caráter qualitativo e se filia ao funcionalismo linguístico, mais especificamente ao funcionalismo de linha holandesa, GDF. Como universo de investigação, utilizam-se dados de língua falada, submetidos a fatores de análise atinentes ao conjunto de categorias teóricas da GDF, obtidos do:

- (i) Córpus Português Oral, desenvolvido no âmbito do projeto *Português Falado: Variedades Geográficas e Sociais* (CLUL, 1995-1997), que traz amostragens de variedades do português falado em Portugal (PT), no Brasil (BR), nos países africanos de língua oficial portuguesa – Angola (AN), Cabo Verde (CV), Guiné-Bissau (GB), Moçambique (MO), São Tomé e Príncipe (TP), Goa (GO) e Timor-Leste (TL) – e em Macau (MC);
- (ii) Córpus Iboruna⁵, originário do projeto *Amostra Linguística do Interior Paulista* (ALIP), concebido pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF), que se constitui de base para a descrição do português falado no interior paulista, mais especificamente na região noroeste do Estado de São Paulo.

Este artigo se estrutura em quatro seções. A primeira apresenta um esboço do modelo adotado, o da GDF; a segunda identifica o tipo de molde de conteúdo das expressões linguísticas aqui analisadas; a terceira seção distingue os moldes de predicação acionados, além de evidenciar a relação entre gramática e contexto na produção da coordenação adversativa substitutiva; a quarta seção relaciona os níveis pragmático e semântico, explicando a configuração morfossintática do membro não oracional dessas construções; e, por fim, são apresentadas as considerações finais, que evidenciam a

⁴ O apagamento é um tipo de transformação parafrástica que gera elipse. Ele consiste numa reorganização no plano da forma e intervém sobre uma estruturação prévia no momento em que se estabelece a estruturação sintática, sem modificar o sentido. Para informações mais detalhadas, cf. Harris (1968, 1976).

⁵ Disponível em: <https://alip.ibilce.unesp.br/bancos-de-dados/banco-de-dados-iboruna>. Acesso em: 3 abr. 2023.

eficácia explanatória do modelo teórico adotado em relação a fenômenos explicados por meio de regra de apagamento.

A Gramática Discursivo-Funcional

Elaborado por Hengeveld e Mackenzie (2008), o modelo teórico da GDF constitui um desenvolvimento da Gramática Funcional postulada por Dik (1997a, 1997b). A GDF prevê, em seu modelo teórico, a natureza situada da comunicação linguística, ou seja, ela considera a inter-relação entre linguagem e contexto. Essa inter-relação é expressa pelos Componentes Conceitual, Contextual e de Saída, que compatibilizam a GDF com uma teoria mais ampla de interação verbal, ou seja, embora a GDF seja um modelo de gramática, ela, ao considerar a interação do Componente Gramatical com os outros componentes (cf. Quadro 1), adquire um formato teórico ao mesmo tempo estrutural e funcional.

O Componente Conceitual é pré-linguístico. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2010, p.368-369, tradução nossa), ele é o responsável pelo desenvolvimento “tanto da intenção comunicativa relevante para o evento de fala corrente, quanto das conceitualizações associadas relativas a eventos extralinguísticos relevantes, sendo, dessa forma, a força motriz por trás do Componente Gramatical como um todo”⁶. O Componente de Saída, por sua vez, é o responsável por gerar as expressões linguísticas, acústicas, escritas ou de sinais, com base na informação fornecida pelo Componente Gramatical. Sua função pode ser entendida como “a tradução da informação digital (isto é, baseada em oposição) da gramática para uma forma analógica (isto é, continuamente variável)”⁷ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 369, tradução nossa). O Componente Contextual, por seu turno, contém dois tipos de informação:

Em primeiro lugar, abriga as informações imediatas recebidas do Componente Gramatical sobre um enunciado particular que é relevante para a forma que os enunciados subsequentes possam assumir. Em segundo lugar, ele contém informações de longo prazo sobre a interação em andamento que são relevantes para as distinções necessárias na língua que está sendo usada e que influenciam a formulação e a codificação nessa língua. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 9-10, tradução nossa).⁸

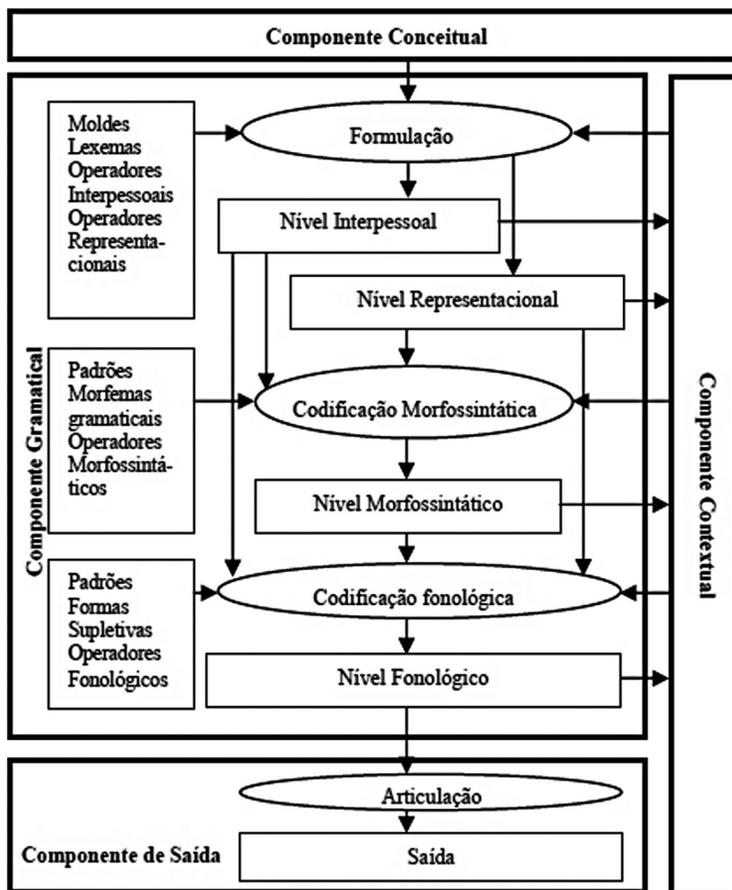
⁶ No original: “of both a communicative intention relevant for the current speech event and the associated conceptualizations with respect to relevant extra-linguistic events, and is thus the driving force behind the Grammatical Component as a whole.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p.368-369).

⁷ No original: “translating the digital (i.e. categorical, opposition-based) information in the grammar into analog (i.e., continuously variable) form.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 369).

⁸ No original: “Firstly, it houses the immediate information received from the Grammatical Component concerning a particular utterance which is relevant to the form that subsequent utterances may take. Secondly, it contains longer-term information about the ongoing interaction that is relevant to the distinctions that are required in the language

Esse acervo de informações, de curto e de longo prazo, alimenta (e é alimentado por) as operações de Formulação e de Codificação do Componente Gramatical, que, por sua vez, constitui a gramática de uma língua natural. As operações de Formulação convertem a intenção comunicativa em representações pragmáticas no Nível Interpessoal (NI) e semânticas no Nível Representacional (NR), que, em seguida, são convertidas em representações morfossintáticas e fonológicas no Nível Morfossintático (NM) e no Nível Fonológico (NF), respectivamente, por meio das operações de Codificação.

Quadro 1 – Leiaute geral da GDF



Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 13, tradução nossa).

Como mostra o Quadro 1, o modelo da GDF apresenta uma arquitetura modular com organização descendente (*top down*), ou seja, da intenção comunicativa para a forma das

being used, and which influence formulation and encoding in that language". (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 9-10).

expressões linguísticas. Essa direção descendente é “motivada pela suposição de que um modelo de gramática será mais eficaz quanto mais sua organização se assemelhar ao processamento de linguagem no indivíduo”⁹ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 1-2, tradução nossa).

Ao organizar o Componente Gramatical com a pragmática governando a semântica, ambas governando a morfossintaxe, e a pragmática, a semântica e a morfossintaxe governando a fonologia, como ilustrado no Quadro 1, a “GDF leva a abordagem funcional da linguagem ao seu extremo lógico”¹⁰ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 13, tradução nossa); isso porque a postura funcionalista implica a “hipótese de que as categorias formais podem ser criteriosamente explicadas se consideradas em correspondência com as categorias semânticas e pragmáticas originadas na cognição humana e na comunicação inter-humana”¹¹ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 371, tradução nossa). Assim, a GDF correlaciona as funções às estruturas, ambas sedimentadas no repertório da língua ao longo dos tempos, como primitivos das operações de Formulação e de Codificação, respectivamente.

Os níveis que formam o Componente Gramatical são estruturados, cada qual, ao seu modo. O que têm em comum é que são todos dispostos em camadas. Cada camada é composta de um núcleo (h), que pode ser restringido por um modificador (σ) e/ou um operador (π) e ter ainda uma função (ϕ). Os núcleos e os modificadores são lexicais, enquanto os operadores e as funções são gramaticais, sendo as funções de carácter relacional, ou seja, elas estabelecem relação entre unidades dispostas numa mesma camada. Assim, a representação geral das camadas dentro dos níveis é como (4), sendo v a variável da camada relevante.

$$(4) \quad (\pi v_1; h(v_1); \sigma(v_1))_{\phi}$$

O Nível Interpessoal diz respeito aos “aspectos formais de uma unidade linguística que refletem seu papel na interação entre o Falante e o Ouvinte”¹² (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 46, tradução nossa). Nele, o discurso se organiza em camadas hierárquicas, “uma ação, que pode ser internamente complexa, consistindo em ações menores distinguíveis”¹³ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 47, tradução nossa). A maior unidade de interação verbal relevante para análise gramatical é o

⁹ No original: “*motivated by the assumption that a model of grammar will be more effective the more its organization resembles language processing in the individual.*” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 1-2).

¹⁰ No original: “*FDG takes the functional approach to language to its logical extreme.*” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 13).

¹¹ No original: “*hypothesis that a wide range of formal categories can be insightfully explained if they are brought into correspondence with semantic and pragmatic categories rooted in human cognition and interhuman communication.*” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 371).

¹² No original: “*formal aspects of a linguistic unit that reflect its role in the interaction between the Speaker and the Addressee.*” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 46).

¹³ No original: “*an action, which may itself be internally complex, consisting of distinguishable smaller actions.*” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 47).

Movimento (M), que se caracteriza por seu poder perlocutório, ou seja, é capaz de requerer uma reação do Ouvinte ((P)_A) ou ser ele mesmo uma reação do Falante ((P)_S) ao que o Ouvinte enunciou. Um Movimento contém um ou mais Atos Discursivos (A), que são definidos como a menor unidade de comportamento comunicativo, constituindo-se de, no máximo, quatro componentes: uma Ilocução (F), o Falante, o Ouvinte e um Conteúdo Comunicado (C). Um Conteúdo Comunicado, por sua vez, contém o que o Falante deseja evocar na comunicação com o Ouvinte. Cada Conteúdo Comunicado é constituído por Subatos (SA), que podem ser de dois tipos: Subatos de Referência (R) e Subatos de Atribuição (T). Enquanto um Subato de Referência representa a tentativa do Falante de evocar um referente na interação verbal, por exemplo *universidade*, um Subato de Atribuição constitui uma ação para aplicar uma propriedade a uma entidade, por exemplo *pública*. A estruturação do Nível Interpessoal é representada em (5).¹⁴

$$(5) \quad (M_1: (A_1: [(F_1) (P_1)_S (P_2)_A (C_1: (SA_1) (C_1))] (A_1)) (M_1))$$

O Nível Representacional, por sua vez, diz respeito aos aspectos semânticos das unidades linguísticas. Como observam Hengeveld e Mackenzie (2010, p. 377, tradução nossa), “enquanto o Nível Interpessoal cuida da evocação, o Nível Representacional é responsável pela designação”¹⁵. A semântica de uma língua trata dos modos como ela se relaciona com os possíveis mundos que ela descreve, no que diz respeito aos “significados de unidades lexicais (semântica lexical) e unidades complexas (semântica composicional)”¹⁶ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 129, tradução nossa). Assim, as entidades, por um lado, e as camadas, por outro lado, são tomadas como categorias semânticas que elas designam, que são, em última análise, “categorias ontológicas linguisticamente relevantes”¹⁷ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 377, tradução nossa). Essas categorias são: Conteúdo Proposicional (p), Episódio (ep), Estado de Coisas (e), Propriedade Configuracional (f^c), Propriedade (f), Indivíduo (x), Lugar (l), Tempo (t), Modo (m), Quantidade (q) e Razão (r), de modo que apenas as quatro primeiras constituem camadas no português, como representado em (6).

$$(6) \quad (p_1: (ep_1: (e_1: (f_1^c: (\alpha_1) (f_1^c)) (e_1)) (ep_1)) (p_1)) \text{ tal que } \alpha \text{ é de qualquer categoria semântica}$$

¹⁴ Para simplificação, nesta e nas próximas representações não instanciadas, a possibilidade de ocorrência de mais de uma unidade por camada não é representada, tampouco os *slots* para operadores, modificadores e funções.

¹⁵ No original: “[w]hereas the Interpersonal Level takes care of evocation, the Representational Level is responsible for designation.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 377).

¹⁶ No original: “the meanings of lexical units (lexical semantics) and complex units (compositional semantics).” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 129).

¹⁷ No original: “linguistically relevant manifestations of ontological categories”. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 377).

O Nível Morfossintático, por seu turno, é responsável por receber o *input* dos dois níveis hierarquicamente acima dele, a saber, o Nível Interpessoal e o Nível Representacional, e convertê-lo em uma representação formal morfossintática. As distinções interpessoais e representacionais são, portanto, codificadas no Nível Morfossintático, que, por sua vez, tem sua própria organização. As camadas desse nível, organizadas de maneira hierárquica, como representado em (7), são a Expressão Linguística (Le), a Oração (Cl), o Sintagma (Xp), a Palavra (Xw), o Radical (Xs), a Raiz (Xr) e o Afixo (Aff). O Sintagma, a Palavra, o Radical e a Raiz têm como núcleo um item lexical advindo do Nível Interpessoal ou do Nível Representacional. A depender da classe do lexema, cada um recebe uma denominação, sendo *X* igual a *N* para nomes, *V* para verbos, *A* para adjetivos, *Adv* para advérbios, *Ad* para adposições e *G* para Palavras Gramaticais. Note, em (7), que o Nível Morfossintático é recursivo, ou seja, algumas camadas podem conter camadas hierarquicamente a ela iguais ou superiores.

$$(7) \quad (Le_1: [(Cl_1: [(Cl_2) (Xp_1: [(Cl_3) (Xp_2) (Xw_1: [(Xs_1) (Xr_1) (Aff_1)] (Xw_1))] (Xp_1)) (Xw_2)] (Cl_1)) (Xp_3) (Xw_3)] (Le_1))$$

O Nível Fonológico, por fim, é responsável por receber o *input* do Nível Morfossintático já com algumas distinções codificadas advindas dos níveis acima. As distinções que não puderam ser codificadas no Nível Morfossintático são transformadas nos primitivos com que o Nível Fonológico opera. As camadas que compõem o Nível Fonológico são, em ordem descendente hierárquica, o Enunciado (U), a Frase Entonacional (IP), a Frase Fonológica (PP), a Palavra Fonológica (PW), o Pé (F) e, por fim, a Sílabas (S), como representado em (8).

$$(8) \quad (U_1: (IP_1: (PP_1: (PW_1: (F_1: (S_1) (F_1)) (PW_1)) (PP_1)) (IP_1)) (U_1))$$

O molde de conteúdo

Os moldes de conteúdo são “as combinações possíveis de Subatos com funções pragmáticas que podem preencher a posição nuclear do Conteúdo Comunicado”¹⁸ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 100, tradução nossa). As funções pragmáticas, por sua vez, dizem respeito ao modo como o Falante modela suas mensagens em relação a suas expectativas sobre o estado mental do Ouvinte e sobre as informações que aquele julga disponíveis a este. Desse modo, a influência dessas expectativas sobre a formulação das expressões linguísticas é chamada de função pragmática Tópico, Foco e Contraste.

¹⁸ No original: “the possible combinations of Subacts with pragmatic functions that may fill the head position of the Communicated Content”. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 100).

A função pragmática Tópico (_{TOP}) é atribuída a um constituinte quando se deseja mostrar como ele se relaciona ao conhecimento já construído e armazenado no Componente Contextual. Com base no constituinte topicalizado, constrói-se um comentário, que é um novo conhecimento a ser introduzido durante a interação verbal. A função pragmática Foco (_{FOC}), por sua vez, indica uma seleção estratégica do Falante para salientar uma informação nova necessária para o Ouvinte acrescentar à sua informação pragmática. Já a função pragmática Contraste (_{CONTR}) coteja uma informação com outra; nesse cotejo, o Falante procura realçar diferenças particulares entre informações.

Os modos como o Falante dispõe as funções pragmáticas no Conteúdo Comunicado revelam o fluxo de atenção para o Ouvinte, indicando-lhe como ele deve relacionar a mensagem recebida ao registro construído e armazenado no Componente Contextual. Esses modos – ou moldes de conteúdo – são de três tipos: Tético, Apresentativo e Categorical.

Uma construção Tética apresenta globalmente a mensagem, associada a apenas um ato cognitivo, de modo que toda ela é focal, como *acabou o ensino rudimentar* em (9). Pezatti (1992) denomina esse tipo de construção de “frase comentário” porque apresenta uma situação – um comentário – sem apontar um elemento como ponto de partida do fluxo de atenção.

(9) -> *acabou o ensino rudimentar* (AN97:EnsinoAngola)

NI: (A_I: [... (C_I: [(T_I) (+id +s R_I: –ensino rudimentar– (R_I))] (C_I))_{FOC}] (A_I))

Uma construção Apresentativa, como *há o treino técnico específico* em (10), por sua vez, apresenta uma informação que, ao mesmo tempo, é nova, logo focal, e tópica, pois, a partir dela, constrói-se um comentário (na ocorrência em questão: jogadas ensaiadas, tipo livres, directos, cantos).

(10) -> *há o treino técnico específico*, que é jogadas ensaiadas, tipo livres, directos, cantos (PT95:JogarFutebol)

NI: (A_I: [... (C_I: (+id +s R_I: –treino técnico específico– (R_I))_{TOP-FOC}] (C_I))] (A_I))

Construções Categoriais, por fim, podem exibir tanto a função pragmática Tópico como a Foco, de modo a determinar as partes da mensagem que se apresentam particularmente salientes, as que são escolhidas como ponto de partida do Falante, a partir das quais o fluxo de atenção é estabelecido. O português, segundo Pezatti (2014), é uma língua em que as construções Categoriais são Tópico-orientadas, ou seja, em geral, as informações que são escolhidas como ponto de partida do fluxo de atenção são as que o Falante considera compartilhadas com o Ouvinte. Em (11), *eu*, participante da interação verbal e, portanto, disponível na situação comunicava imediata, exerce a função pragmática Tópico numa construção Categorical Tópico-orientada.

(11) -> *eu sou mais especializado na trompete* (TP96:Banda)

NI: (A₁: [... (C₁: [(T₁) (R₁: [+S -A] (R₁))_{TOP} (+id +s R_j: -trompete- (R_j))] (C₁))] (A₁))

O primeiro membro coordenado em (12) é uma construção Categorical Tópico-orientada, em que *you* exerce a função pragmática Tópico.

(12) -> *you, quando vai ficando numa certa idade, you tem que, you não depende de tudo, mas de um you depende. é ou não é? **you não, não precisa depender de tudo que é vizinho, mas de um*** (BR80:ViverOutros)

Entretanto, o membro oracional coordenado por *mas_{SN}* em (12) não é o foco deste artigo, mas sim o segundo membro, em que haveria, supostamente, apagamento, como *you precisa depender de um vizinho*, ou como *sim o que circula nos nossos vasos é sangue* em (13).

(13) -> *duzentos anos antes de Cristo, Galeno [...] conseguiu demonstrar que o que circula nos nossos vasos não é ar **mas sim sangue***. (PT89:PaiMedicina)

NI: (A₁: [(F₁: DECL (F₁)) (P₁)_S (P₂)_A (C₁: (R₁: -sangue- (R₁)) (C₁))_{FOC-CONTR}] (A₁))

Esses membros consistem em Atos Discursivos de Ilocução Declarativa (DECL) cujo Conteúdo Comunicado é formado por apenas um Subato, conforme representado em (13).¹⁹ Subatos que compõem sozinhos um Ato Discursivo “são, por padrão, sempre focos”²⁰ (MACKENZIE, 2018, p. 47, tradução nossa). Por ser formado por apenas um Subato que evoca uma informação focal, o molde de conteúdo é Tético.

O segundo membro da coordenação adversativa substitutiva, aliás, conforme atesta Galvão Passetti (2021), é sempre Tético e de Subato único, pois o Falante intenciona acrescentar apenas uma informação à informação pragmática do Ouvinte, informação que substitui outra, veiculada no primeiro membro coordenado. Com a finalidade de que o Ouvinte substitua uma informação por outra, o Falante realiza um cotejo; mais especificamente, o Conteúdo Comunicado do segundo membro, além de focal, veicula a função pragmática Contraste, codificada por *mas*. Assim, a representação não instanciada do segundo membro da coordenação substitutiva é (14).

(14) (A₁: [(F₁: DECL (F₁)) (P₁)_S (P₂)_A (C₁: (SA₁) (C₁))_{FOC-CONTR}] (A₁))

¹⁹ Nesta e nas próximas representações, apenas o que estiver em negrito nas ocorrências sob análise é representado.

²⁰ No original: “are always Focus by default.” (MACKENZIE, 2018, p. 47).

Os moldes de predicação e o papel do Componente Contextual

Os moldes de predicação, por sua vez, constituem o inventário de predicações disponíveis a uma língua e se caracterizam por sua valência quantitativa e qualitativa. A valência quantitativa diz respeito ao número de unidades semânticas que formam um molde de predicação, enquanto a valência qualitativa diz respeito às funções semânticas que elas assumem. Essas funções semânticas são Ativo (_A), Inativo (_U) e Locativo (_L).

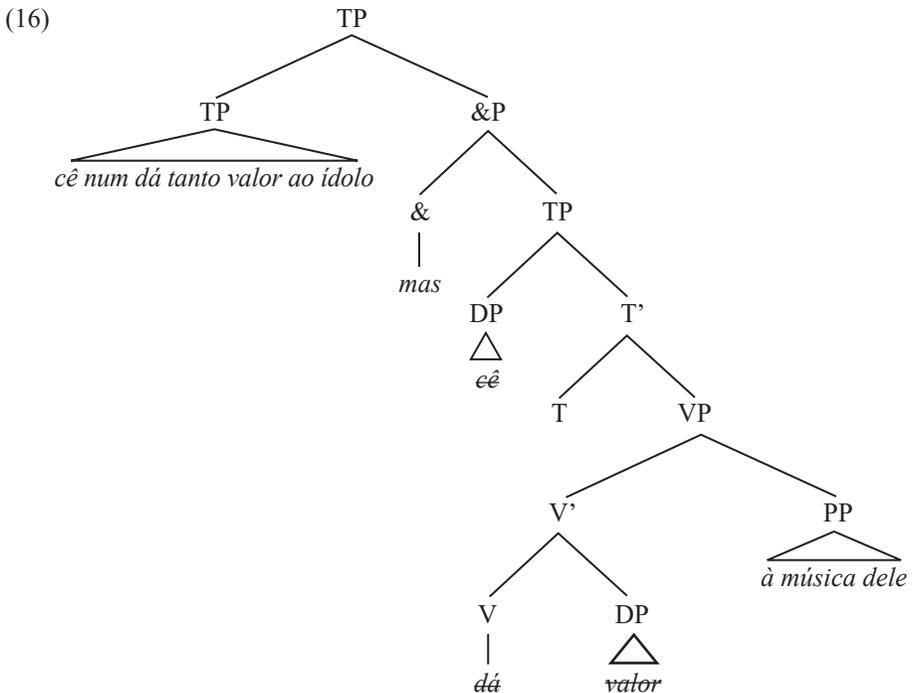
Na ocorrência em (15), a Propriedade Configuracional do primeiro membro da coordenação é representada por (f_i^c). Nela, o Indivíduo *cê*, o Conteúdo Proposicional *valor* e o Indivíduo *ídolo* exercem as funções semânticas Ativo, Inativo e Locativo, respectivamente, e se relacionam ao predicado de três lugares *dar*.

(15) Inf.: é totalmente necessário assim... o ídolo não mas uma influência assim...
 ídolo não... mas uma influência sim

Doc.: então *cê num dá tanto valor ao ídolo mas à música dele* (AC-043, RO: L. 273)

NR: (f_i^c : [(f_i : da- (f_i)) (1 x_i)_A (intens p_i : -valor- (p_i))_U (x_j : -ídolo- (x_j))_L] (f_i^c))

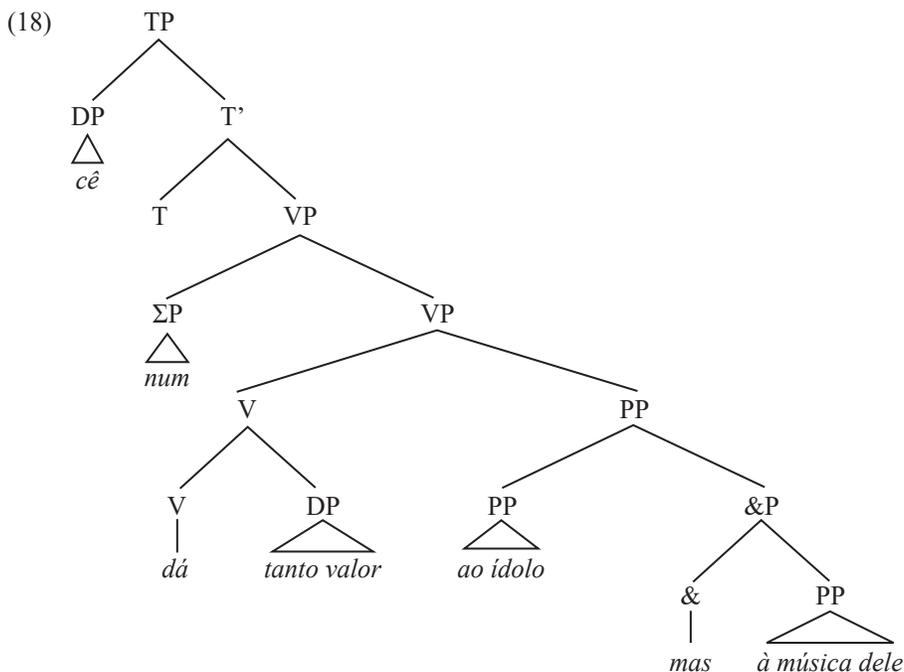
Segundo McCawley (1991), que assume o modelo teórico da Gramática Transformacional, no segundo membro de uma coordenação como essa, há apagamento dos constituintes sintáticos expressos no primeiro membro. A representação em árvore de *cê num dá tanto valor ao ídolo mas à música dele* de (15), nessa concepção, é como (16).



- (17) a Cê num dá tanto valor ao ídolo, mas cê dá valor à música dele.
 b Cê num dá tanto valor ao ídolo, mas à música dele.
 a' Embora cê num dê tanto valor ao ídolo, cê dá valor à música dele.
 b' *Embora cê num dê tanto valor ao ídolo, à música dele.

Seguindo a representação em (16), a coordenação em (15) é formada por duas sentenças, conforme (17a), antes da transformação por apagamento. Segundo Harris (1968, 1976), o apagamento não altera o sentido de uma sentença. No entanto, (17a) não tem o mesmo sentido veiculado por (17b), expressão linguística real sob análise; prova disso é que o Conteúdo Comunicado *cê dá valor à música dele* de (17a) pode ser codificado por uma construção concessiva com uso de *embora*, como em (17a'), o que não se verifica em (17b'), fruto do mesmo teste, agora aplicado a (17b). Em outras palavras, (17a) é uma coordenação em que *mas* marca função retórica Concessão, ao passo que, em (17b), *mas* codifica Contraste com papel de substituição, isto é, *mas_{SN}*. Por isso, a paráfrase em (17b') não é possível, uma vez que esse teste somente se aplica a construções em que *mas* é concessivo, ou seja, *mas_{PA}*.

Outra proposta de análise, de cunho gerativista, é a de Munn (1993). Para o autor, *mas à música dele* seria um constituinte de uma sentença; portanto, suboracional. Essa análise é representada em (18).



No entanto, (18) implica que o segundo membro (*à música dele*) não é uma sentença, não tendo, portanto, valor de proposição, de acordo com a Gramática Transformacional.

Para a GDF, uma proposição corresponde a um Conteúdo Proposicional, entidade de terceira ordem, segundo a categorização de Lyons (1977, p. 442-447), que só é avaliada em “termos de atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença) e/ou em termos de sua fonte ou origem (conhecimento comum partilhado, evidências sensoriais, inferência)”²¹ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 377, tradução nossa).

Os membros da coordenação aqui em foco, no entanto, são sempre Conteúdos Proposicionais (PEZATTI; PAULA; GALVÃO PASSETTI, 2019; PEZATTI; GALVÃO PASSETTI, 2021; GALVÃO PASSETTI, 2021), pois podem ser avaliados em termos de certeza ou dúvida, isto é, submetem-se a uma avaliação epistêmica. Em (13), por exemplo, repetido por conveniência em (19), o Conteúdo Proposicional *sangue* apresenta uma atitude de certeza do Falante frente ao que é comunicado, indicada pelo operador de modalidade epistêmica subjetiva doxástica (dox), marcado por *sim*.²² Esse tipo de operador “permite ao Falante indicar que acredita que o Conteúdo Proposicional que ele está apresentando é verdadeiro”²³ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 153, tradução nossa).

(19) -> *duzentos anos antes de Cristo, Galeno [...] conseguiu demonstrar que o que circula nos nossos vasos não é ar mas sim sangue.* (PT89:PaiMedicina)

NR: (dox p_i: (f_i: [(x_i) (x_j: -sangue- (x_j))] (f_i)) (p_i))

NM: (Gw_i: sim (Gw_i)) (Nw_i: -sangue- (Nw_i))

Toosarvandani (2013) defende que, para o inglês, tanto a análise de MacCawley (1991) como a de Munn (1993) são corretas, pois dependem da posição que *not* ocupa na sentença: se *not* antecede o verbo principal, podendo ser cliticizado, então há coordenação de duas sentenças, tal que a segunda apresenta constituintes sintáticos apagados; se *not* antecede o constituinte a ser substituído, então há uma coordenação de termos intrassentenciais.

Para explicar o fenômeno, propomos, tomando a perspectiva da GDF, que esses membros não oracionais resultam do tipo de molde de predicação em que são formulados; eles derivam de moldes de predicação em que o predicado é não verbal: Identificacional, Classificacional ou Relacional. De modo geral, esses tipos de predicação necessitam de uma cópula suporte, que é inserida no Nível Morfossintático.

Uma predicação Identificacional, também chamada de equacional na literatura – por exemplo, em Jakobson (1975) –, equipara, no Nível Representacional, duas entidades

²¹ No original: “in terms of propositional attitudes (certainty, doubt, disbelief) and/or in terms of their source or origin (shared common knowledge, sensory evidence, inference).” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 377).

²² Entendemos que, nesses casos, *sim* codifica o operador de modalidade epistêmica subjetiva doxástica. A Palavra Gramatical *sim*, no entanto, também marca o operador de polaridade positiva (pos), frequentemente utilizado em resposta a perguntas polares. De qualquer maneira, *sim* especifica Conteúdo Proposicional.

²³ No original: “permits the Speaker to indicate that s/he believes that the Propositional Content s/he is presenting is true.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 153).

semânticas de mesma categoria, evocadas por dois Subatos de Referência no Nível Interpessoal, como mostra (20).

- (20) NI: $(C_1: [(R_1) (R_2)] (C_1))$
 NR: $(f_1: [(\alpha_1) (\alpha_2)] (f_1))$ tal que α_1 e α_2 são da mesma categoria semântica

O segundo membro das coordenções em (3) e (15), retomadas por conveniência em (21a) e (21b), respectivamente, apresenta molde de predicação Identificacional, conforme representa (22).

- (21) a Não está em jogo o aspecto monetário, mas *sim o da cultura*.
 b Cê num dá tanto valor ao ídolo, mas *à música dele*.

- (22) a $(dox\ p_i: (f_i: [(x_i) (x_j: -da\ cultura- (x_j))] (f_i)) (p_i))$
 b $(p_i: (f_i: [(x_i) (x_j: -música\ dele- (x_j))] (f_i)) (p_i))$

Em (22),²⁴ nota-se que as entidades semânticas da predicação do primeiro membro – *estar em jogo*, de (21a), e *cê, dar e valor*, de (21b) – não são retomadas no segundo. Isso corresponderia a uma explicação semântica, com base na GDF, da proposta de MacCawley (1991). Tampouco (x_i) – *o da cultura*, de (21a), e *a música dele*, de (21b) – faz parte da Propriedade Configuracional – isto é, predicação – do primeiro membro, o que, por sua vez, se relacionaria à proposta de Munn (1993).

Este artigo propõe outra explicação: o segundo membro apresenta uma Propriedade Configuracional de dois lugares, tal que um dos dois lugares é instanciado por uma entidade semântica de núcleo ausente. Por isso, tanto em (22a) como em (22b), o Indivíduo que corresponde a (x_i) não tem designação (não tem núcleo). Essa entidade semântica se relaciona ao registro construído pelo primeiro membro e armazenado no Componente Contextual como informação de curto prazo.

Convém apresentar maiores explicações sobre papel do Componente Contextual na formulação do membro não oracional dessas coordenções. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2014), o Componente Contextual abriga informações situacionais e discursivas que são relevantes para a gramática de uma língua. As informações situacionais dizem respeito aos Participantes, ao tempo e ao local da interação verbal corrente, ao passo que a informação discursiva concerne ao que é ativado no discurso, sobejamente no cotexto. Ambas as informações são relevantes, por exemplo, na realização de dêiticos e de anáforas, respectivamente.

De acordo com a proposta de Hengeveld e Mackenzie (2014), o Componente Contextual se estrutura de maneira semelhante ao Componente Gramatical, apresentando

²⁴ Não se prevê a formulação das camadas do Episódio e do Estado de Coisas entre o Conteúdo Proposicional e a Propriedade Configuracional porque, nos membros coordenados analisados, não há qualquer modificador ou operador que modifique ou especifique essas camadas, como os que indicam tempo absoluto e relativo, por exemplo.

Estratos correspondentes aos quatro níveis da gramática.²⁵ Assim, ao ser produzido um ato de fala, as representações dos quatro níveis da gramática alimentam os quatro Estratos correspondentes do Componente Contextual. Esse processo é exemplificado em (23a),²⁶ em que o primeiro membro da coordenação (23), já proferido, compõe o Registro Discursivo no Componente Contextual.

(23) Não está em jogo o aspecto monetário, mas sim o da cultura.

1º membro: (p_i: (pres ep_i: (sim neg e_i: (°f_i: [(f_i: est_ em_jogo (f_i)) (p_j: (f_j: [(f_j: aspecto (f_j) (x_i: (f_k: monet- (f_k)) (x_i))_{Ass}] (f_j)) (p_j))_U] (f_i)) (e_i)) (ep_i)) (p_i))

2º membro: (dox p_k: (f_k: [(p_j) (p_i: (f_i: [(f_j) (p_m: (f_i: cultura (f_i)) (p_m))_{Ref}] (f_i)) (p_i))] (f_k)) (p_k))

| Componente Gramatical | Componente Contextual | | | | | | | |
|---|--|---|----------------|---|----------------|---|---|---|
| (23a) NR: (dox p _k : (f _k : [(p _j) (p _i : (f _i : [(f _j) (p _m : (f _i : cultura (f _i)) (p _m)) _{Ref}] (f _i)) (p _i))] (f _k)) (p _k)) | Registro Discursivo: <table border="1"> <tr> <td>p</td> <td>ep</td> <td>e</td> <td>f^c</td> <td>α</td> <td>f</td> <td>◆</td> </tr> </table> <p>(p_i)</p> <p>(pres ep_i)</p> <p>(sim neg e_i)</p> <p>(f_j)</p> <p>(x_i)_{Ass}</p> <p>(f_k)</p> <p>monet-</p> <p>(f_j)</p> <p>aspecto</p> <p>(°f_i)</p> <p>(p_j)_U (f_i)</p> <p>est_</p> <p>em_</p> <p>jogo</p> | p | ep | e | f ^c | α | f | ◆ |
| p | ep | e | f ^c | α | f | ◆ | | |

Ao produzir o segundo membro, o Falante reativa (p_j) e (f_i) do primeiro membro. Assim, essas entidades retornam ao Componente Gramatical por meio da operação de Contextualização e, nesse processo, recuperam as relações da estrutura hierárquica de que fazem parte no Componente Contextual. Em (23a), por exemplo, a entidade (p_j) armazenada no Componente Contextual é contextualizada na formulação do segundo membro da coordenação de modo a especificá-la como tendo sido argumento Inativo

²⁵ O Componente Contextual tem um quinto Estrato, alimentado pelo Nível Fonético. Esse nível não compõe, no entanto, o Componente Gramatical, mas sim o Componente de Saída.

²⁶ Nesta e nas próximas representações do Componente Contextual, apenas o Estrato correspondente ao Nível Representacional é explicitado.

da Propriedade Configuracional (f_i^c), que, por sua vez, é núcleo do Estado de Coisas (sim neg e_i). Esse Estado de Coisas forma sozinho o Episódio (pres ep_i), veiculado pelo Conteúdo Proposicional (p_i), ou seja, (p_i) é reativado com a memória de argumento Inativo de *não está em jogo o aspecto monetário*.

O mesmo ocorre quando o Falante profere *mas à música dele* de (24). Nesse caso, conforme representa (24a), (x_j)_L é retomado duas vezes: como argumento de (f_j) e como modificador de (x_k) – *a música*.

(24) Cê num dá tanto valor ao ídolo, mas à música dele.

1º membro: (p_i : (pres ep_i : (sim neg e_i : (f_i^c : [(f_i : da- (f_i)) (1 x_i)_A (intens p_j : (f_j : valor (f_j)) (p_j))_U (x_j : (f_k : ídolo (f_k)) (x_j))_L] (f_i^c)) (e_i)) (ep_i)) (p_i))

2º membro: (p_k : (f_j^c : [(x_j) (x_k : (f_i : música (f_i)) (x_k): (1 x_j)_{Ref} (x_k))] (f_j^c)) (p_k))

| Componente Gramatical | Componente Contextual | | | | | | |
|---|-------------------------|----|---|---------------------------|----------|------------------------------|-----------|
| (24a) NR: (p_k : (f_j^c : [(x_j) (x_k : (f_i : música (f_i)) (x_k): (1 x_j) _{Ref} (x_k))] (f_j^c)) (p_k)) | Registro Discursivo: | | | | | | |
| | p | ep | e | f^c | α | f | ◆ |
| | (p _i) | | | | | | |
| | (pres ep _i) | | | | | | |
| | | | | (sim neg e _i) | | | |
| | | | | (f_i^c) | | | |
| | | | | (x_j) _L | | | |
| | | | | | | (f_k) | ídolo |
| | | | | | | (intens p_j) _U | |
| | | | | | | (f_j) | valor |
| | | | | | | (1 x_i) _A | (f_i) |
| | | | | | | | da- |

A organização do Registro Discursivo de (24a) mostra que o Componente Contextual, além de preservar as relações hierárquicas, registra as entidades semânticas, conforme sua natureza, em pilhas. As entidades que são proferidas por último assumem o topo no empilhamento das entidades de mesma natureza semântica. No Registro Discursivo de (24a), por exemplo, (x_j)_L está acima de (intens p_j)_U na pilha porque *ao ídolo* é codificado depois de *valor*, ou seja, *ao ídolo* é ativado no discurso depois que *valor* o é. “O importante é que horizontalmente a estrutura hierárquica seja respeitada, enquanto verticalmente as relações de empilhamento entre unidades de classificação semelhante são representadas”²⁷ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2014, p. 213, tradução nossa).

²⁷ No original: “The important thing here is that horizontally the hierarchical structure is respected, while vertically the stack-relations between units of like rank are represented.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2014, p. 213).

Além de Identificacional, o membro não oracional pode ter o molde de predicação Classificacional. Numa predicação Classificacional, assim como numa Identificacional, são relacionadas duas entidades semânticas de mesma categoria; a diferença é que, na Classificacional, uma das entidades é evocada, no Nível Interpessoal, por um Subato Atributivo que predica a outra entidade, classificando-a por meio da Propriedade que ocupa sua posição de núcleo, como representado em (25).

(25) NI: $(C_1: [(T_1) (R_1)] (C_1))$
 NR: $(f^e_1: [(\alpha_1: (f_1) (\alpha_1)) (\alpha_2)_U] (f^e_1))$ tal que α_1 e α_2 são da mesma categoria semântica

Em português, nas predicações Classificacionais, pronomes indefinidos marcam, no Nível Morfossintático, a entidade cuja Propriedade classifica outra entidade, como o pronome *uma*, do Sintagma Nominal *uma sala de jantar* em (26).

(26) -> a copa não é absolutamente como nós vemos na cidade. **a copa é uma sala de jantar** (BR72:Fazenda)

NR: $(^p f^e_1: [(l_1: -sala de jantar- (l_1)) (l_2: -copa- (l_2))_U] (f^e_1))$

Na ocorrência em (27), o segundo membro tem molde de predicação Classificacional, tal que *uma influência* classifica (p_k) , entidade semântica de núcleo ausente que se relaciona ao registro construído pelo cotexto e armazenado no Componente Contextual.

(27) Doc.: e qual que é a importância desse... desses ídolos po pessoal que tá começan(d)o agora?... fazê(r) música... qual é a importância deles?... pra você né?... que faz música.

Inf.: é totalmente necessário assim... *o ídolo não mas uma influência* (AC-043, RO: L. 273)

NR: $(p_i: (f^e_i: [(p_j: (f_i: influência (f_i)) (p_j)) (p_k)_U] (f^e_i)) (p_i))$

Os dois membros da coordenação em (27), representados semanticamente em (28), são não oracionais. A entidade de núcleo ausente que compõe a predicação de ambos os membros são coindexadas. A entidade semântica classificada no segundo membro provém da reativação de (p_j) do Registro Discursivo de (28a). Por ser reativada duas vezes, (p_j) sobe na pilha de que faz parte, como se observa ao comparar o Registro Discursivo de (28a) com o de (28b).

(28) É totalmente necessário, o ídolo não, mas uma influência.

Cotexto: $(p_i: (pres\ ep_i: (sim\ e_i: (^p f^e_i: [(f_i: necessário (f_i)) (p_j)_U] (f^e_i)) (e_i): (f_j: total (f_j))_{Means} (e_i) (ep_i)) (p_i))$

1º membro: $(p_k: (f^e_j: [(p_i: (f_k: ídolo (f_k)) (p_i)) (p_j)] (f^e_j)) (p_k))$

2º membro: $(p_m: (f^e_k: [(p_n: (f_i: influência (f_i)) (p_n)) (p_j)_U] (f^e_k)) (p_m))$

| Componente Gramatical | Componente Contextual | | | | | | | |
|---|---|---|----------------|---|----------------|---|---|---|
| (28a) NR: (p _k : (f _j : [(p _i : (f _k : ídolo (f _k) (p _i)) (p _j)] (f _j)) (p _k)) | Registro Discursivo: <table border="1"> <tr> <td>p</td> <td>ep</td> <td>e</td> <td>f^c</td> <td>α</td> <td>f</td> <td>◆</td> </tr> </table> (p _i) (pres ep _i) (sim e _i) (p ^{f_c} _i) (f _j) ^{Means} total (f _i) necessário (p _j) _U | p | ep | e | f ^c | α | f | ◆ |
| p | ep | e | f ^c | α | f | ◆ | | |
| (28b) NR: (p _m : (f _k : [(p _n : (f _i : influência (f _i)) (p _n)) (p _j) _U] (f _k)) (p _m)) | Registro Discursivo: <table border="1"> <tr> <td>p</td> <td>ep</td> <td>e</td> <td>f^c</td> <td>α</td> <td>f</td> <td>◆</td> </tr> </table> (p _k) (f _j) (p _i) (f _k) ídolo (p _j) (p _i) (pres ep _i) (sim e _i) (p ^{f_c} _i) (f _j) ^{Means} total (f _i) necessário | p | ep | e | f ^c | α | f | ◆ |
| p | ep | e | f ^c | α | f | ◆ | | |

Uma distinção importante que depende da atuação do Componente Contextual na formulação da coordenação adversativa substitutiva diz respeito ao escopo da negação presente no primeiro membro e, conseqüentemente, à ordem que *não* nele assume. Conforme atesta Galvão Passetti (2021), nesses casos, a partícula negativa é codificada no Nível Morfossintático de três modos:

- (i) Na Posição Inicial do Sintagma Verbal, se o membro é oracional;
- (ii) Antes da Palavra ou do Sintagma que codifica a informação a ser substituída, se o membro é não oracional;
- (iii) Depois da Palavra ou do Sintagma que codifica a informação a ser substituída, se o membro é não oracional.

A posição pré-verbal de *não*, como nas ocorrências em (3) e (15), codifica o operador de negação de Estado de Coisas, indicando a não ocorrência desse estado num mundo real ou possível. Já no que se refere ao primeiro membro não oracional, a posição de *não* indica que:

- (i) O Falante substitui uma informação “que ele pressupõe fazer parte da informação pragmática disponível ao Ouvinte, por outra, estabelecendo, nos termos de Hengeveld e Mackenzie (2018), uma ‘discordância’ (*disagreement*) com que o Ouvinte possa acreditar” (GALVÃO PASSETTI, 2021, p. 179). Nesse caso, *não* antecede a Palavra ou o Sintagma coordenado;
- (ii) A informação a ser substituída “já foi evocada no discurso e armazenada no Componente Contextual, estabelecendo, nos termos de Hengeveld e Mackenzie (2018), uma ‘recusa’ (*denial*) do que foi dito anteriormente, i.e., uma negação de um Conteúdo Comunicado” (GALVÃO PASSETTI, 2021, p. 181). Nesse caso, *não* sucede a Palavra ou o Sintagma coordenado.

Na ocorrência em (27), cujo primeiro membro é representado em (29) nos níveis Interpessoal e Morfossintático, *não* sucede o Sintagma *o ídolo*. Isso só ocorre porque o referente *ídolo* já foi evocado no cotexto e, portanto, encontra-se presente no Registro Discursivo do Componente Contextual, isto é, *não* somente assume a posição posterior à Palavra ou ao Sintagma coordenado se a informação que eles codificam estiver presente no registro construído e armazenado no Componente Contextual.²⁸

(29) **O ídolo não**, mas uma influência.

NI: (A_T: [... (neg C_T: -ídolo- (C_T))_{FOC}] (A_T))

NM: (Np_i: -o ídolo- (Np_i)) (Gw_i: não (Gw_i))

Nos exemplos citados, um argumento da predicação do primeiro membro é substituído: *o aspecto monetário*, substituído por *o da cultura* em (3); *o ídolo*, substituído por *a música dele* em (15); e *o ídolo*, substituído por *uma influência* em (27). Nesses casos, o molde de predicação do segundo membro é Identificacional ou Classificacional. Quando o Falante pretende substituir um modificador do primeiro membro, o molde de predicação ativado para o segundo membro é o Relacional. Nesse tipo de predicação, “um sintagma marcado com um relator, como uma adposição [no caso do português, uma preposição] ou um marcador de caso [como o sufixo *-mente* em português], é

²⁸ A relação entre o estatuto discursivo da informação a ser substituída com a posição de *não* na coordenação adversativa substitutiva corrobora a tese de Schwenter (2005), para quem, no contexto de negações verbais do português brasileiro, NEG3, isto é, a negação pós-verbal, como em *quero não*, em contraste com NEG1 e NEG2, exemplificados por *não quero* e *não quero não*, respectivamente, é “empregado especificamente para negar uma proposição do discurso velho que é explicitamente ativada no contexto discursivo” (SCHWENTER, 2005, p. 1452).

ⁱ No original: “employed specifically to deny a discourse-old proposition that has been explicitly activated in the discourse context.”

usado de forma atributiva²⁹ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 190, tradução nossa), ou seja, no Nível Representacional, ele representa uma Propriedade, evocada por um Subato de Atribuição cujo núcleo é realizado por um Subato de Referência responsável por evocar uma entidade que exerce alguma função semântica. O molde de predicação Relacional é representado em (30).

$$(30) \quad \begin{array}{l} \text{NI: } (C_1: [(T_1: (R_1) (T_1)) (R_2)] (C_1)) \\ \text{NR: } (f_1: [(f_1: (\alpha_1)_\phi (f_1)) (\alpha_2)_U] (f_1)) \end{array} \quad \text{tal que } \alpha_1 \text{ e } \alpha_2 \text{ são de qualquer categoria semântica}$$

Um exemplo de predicação relacional, de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 204, tradução e adaptação nossa), é (31).

$$(31) \quad \begin{array}{l} \text{A reunião é na sala 106.} \\ \text{NR: } (p_f: [(f_1: (l_1: \text{--sala 106--} (l_1)) (f_1)) (e_i: \text{--reunião--} (e_i))_U] (f_1)) \end{array}$$

Em (31), *a sala 106*, um Lugar (l_1), é o Locativo (l_1) onde acontece *a reunião*, um Estado de Coisas (e_i). A função semântica Locativo é codificada pela Palavra Gramatical *em*, núcleo do Sintagma Adposicional *na sala 106*. Em outras palavras, *na sala 106* predica *a reunião*.

Em (32),³⁰ por sua vez, o modificador de Instrumento (ins) *em atos* é substituído por *em palavras*, que se relaciona a Propriedade Configuracional (f_i), sem designação (sem núcleo), cabendo ao Ouvinte recuperá-la no registro construído e armazenado no Componente Contextual, com que (f_i) se relaciona, de modo a ser coindexado com a Propriedade Configuracional *ela judiar dele*.

(32) Inf.: ele sofreu um acidente que ele ficô(u) totalmente deformado [...] tinha que dá(r) banho nele adivinha quem era?... a esposa dele... que tinha acabado de sê(r) traída. aí cê imagina né? diz que ela quase num judiô(u) dele *pelo menos NÃO* assim *em atos mas em palavras* né? (AC-050; NR: 174)

$$\text{NR: } (p_i: (f_i: [(f_i: (m e_i: \text{--palavra--} (e_i))_{ins} (f_i)) (f_j)_U] (f_i)) (p_i))$$

Na ocorrência em (32), assim como na em (27), ambos os membros coordenados são não oracionais, mas, em (32), diferentemente de em (27), *não* precede o primeiro membro da coordenação. Isso se deve ao fato de que *em atos* é um instrumento, com que se pode judiar o homem em questão, que o Ouvinte poderia inferir, interpretando *judiar* como relacionado à violência física, mas não à psicológica. O Falante prevê essa possível interpretação do Ouvinte e então a nega. Desse modo, em (33), em que se retoma e se representa ambos os membros da coordenação em (32), *neg* especifica (p_i), indicando que essa proposição, entendida como uma suposição do Ouvinte, não é

²⁹ No original: "a phrase marked with a relator such as an adposition or a case marker is used ascriptively." (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 190).

³⁰ Nesta ocorrência, *assim* não é um advérbio, mas uma pausa preenchida.

verdadeira. Além disso, a Palavra Gramatical *não*, nessa ocorrência, não poderia suceder *em atos* porque *atos* não foi ativado no discurso anterior e, portanto, não compõe o Registro Discursivo do Componente Contextual.

(33) Diz que ela quase num judiou dele, pelo menos não em atos, mas em palavras.³¹

Cotexto: (p_i: (past ep_i: (sim neg e_i: (f_i^c: [(f_i: judia- (f_i) (1 x_j)_A (1 x_j)_L] (f_i^c)) (e_i)) (ep_i)) (p_i))

1º membro: (neg p_j: (f_j^c: [(f_j: (m e_j: (f_k: ato (f_k)) (e_j))_{Ins} (f_j)) (f_i^c)_U] (f_j^c)) (p_j))

2º membro: (p_k: (f_k^c: [(f_i: (m e_k: (f_m: palavra (f_m)) (e_k))_{Ins} (f_i)) (f_i^c)_U] (f_k^c)) (p_k))

| Componente Gramatical | Componente Contextual | | | | | | | |
|--|--|---|----------------|---|----------------|---|---|---|
| (33a) NR: (neg p _j : (f _j ^c : [(f _j : (m e _j : (f _k : ato (f _k)) (e _j)) _{Ins} (f _j)) (f _i ^c) _U] (f _j ^c)) (p _j)) | <p>Registro Discursivo:</p> <table border="1"> <tr> <td>p</td> <td>ep</td> <td>e</td> <td>f^c</td> <td>α</td> <td>f</td> <td>◆</td> </tr> </table> <p>(p_i)</p> <p>(past ep_i)</p> <p>(sim neg e_i)</p> <p>(f_i^c)</p> <p>(1 x_j)_L</p> <p>(1 x_j)_A</p> <p>(f_i)</p> <p>judia-</p> | p | ep | e | f ^c | α | f | ◆ |
| p | ep | e | f ^c | α | f | ◆ | | |
| (33b) NR: (p _k : (f _k ^c : [(f _i : (m e _k : (f _m : palavra (f _m)) (e _k)) _{Ins} (f _i)) (f _i ^c) _U] (f _k ^c)) (p _k)) | <p>Registro Discursivo:</p> <table border="1"> <tr> <td>p</td> <td>ep</td> <td>e</td> <td>f^c</td> <td>α</td> <td>f</td> <td>◆</td> </tr> </table> <p>(neg p_j)</p> <p>(p_i)</p> <p>(past ep_i)</p> <p>(sim neg e_i)</p> <p>(f_i^c)</p> <p>(f_j)</p> <p>(m e_j)</p> <p>_{Ins} (f_k)</p> <p>ato</p> <p>(f_i^c)_U</p> <p>(1 x_j)_L</p> <p>(1 x_j)_A</p> <p>(f_i)</p> <p>judia-</p> | p | ep | e | f ^c | α | f | ◆ |
| p | ep | e | f ^c | α | f | ◆ | | |

³¹ As expressões *diz que*, *quase* e *pelo menos* são operadores do Nível Interpessoal: reportativo, ironia e mitigação, respectivamente.

Nos membros não oracionais cujo molde de predicação é relacional, uma camada do Nível Representacional é retomada do Registro Discursivo e reativada como argumento no Componente Gramatical. Conseqüentemente, essa camada é subsequentemente empilhada como argumento (α), ou seja, essa entidade troca de pilha no Registro Discursivo do Componente Contextual, conforme se nota ao comparar o Registro Discursivo de (33a) com o de (33b).

É uma Propriedade Configuracional que é predicada em (32) porque a função semântica Instrumento se relaciona a essa camada. Outras camadas também podem ser relacionadas, tais como as camadas do Conteúdo Proposicional, do Episódio e do Estado de Coisas, a depender da função semântica exercida pelo membro codificado com uma preposição ou com um marcador de caso.

Hengeveld e Mackenzie (2008) propõem, baseados em evidências tipológicas, que modificadores de Companhia, Instrumento e Beneficiário são mais centrais, relacionando-se à Propriedade Configuracional, ao passo que os de evidencialidade e os que revelam atitudes proposicionais do Falante são mais periféricos, associando-se à camada do Conteúdo Proposicional. Dentre eles, há os de Estado de Coisas e de Episódio. Uma função semântica cujo escopo é o Estado de Coisas é a de Modo ($_{Means}$), exemplificada em (34) e codificada pelo marcador de caso *–mente*, em *fisicamente*.

- (34) Inf.: eu e o I. *a gente num tinha muitas* assim... *é coisas iguais* assim *sentimentalmente* mas ***sim fisicamente*** as pessoas pensavam que ele era meu irmão porque eu era eu sô(u) loira ele também é loiro então... nem parecia casais de namorados (AC-048; NE: L. 63)

NR: (dox p_i : (f_i^c : [(f_i : (f_j : *fisic-* (f_j), $_{Means}$ (f_i)) (e_i), $_U$] (f_i^c)) (p_i))

Em (34),³² *sentimentalmente*, modificador do Estado de Coisas *a gente ter muitas coisas iguais*, é substituído por *fisicamente*, que, por sua vez, relaciona-se a (e_i), $_U$, entidade semântica de núcleo ausente coindexada com o Estado de Coisas modificado no primeiro membro, predicando-o numa relação que se estabelece no escopo de (f_i^c), conforme representado em (34).

Nesses casos, como (32) e (34), diferentemente daqueles em que um argumento de predicação é substituído, o segundo membro da coordenação, expresso por um Sintagma Adposicional ou com um marcador de caso, é formulado, no Nível Representacional, pelo molde de predicação Relacional.

Desse modo, a representação não instanciada do membro não oracional da coordenação substitutiva no Nível Representacional é (35), a depender do tipo de molde de predicação que o instancia.

³² Cf. Nota de rodapé 29, p. 24.

| | | |
|------|--|------------------|
| (35) | {neg} p ₁ : (f ₁ : [(α ₁ : (f ₁ : ♦ (f ₁)) (α ₁)) (α ₂)] (f ₁)) (p ₁)) | Identificacional |
| | {neg} p ₁ : (f ₁ : [(α ₁ : (f ₁ : ♦ (f ₁)) (α ₁)) (α ₂) _U] (f ₁)) (p ₁)) | Classificacional |
| | {neg} p ₁ : (f ₁ : [(f ₁ : (α ₁ : (f ₂ : ♦ (f ₂)) (α ₁)) _φ (f ₁)) (α ₂) _U] (f ₁)) (p ₁)) | Relacional |

O alinhamento com discrepância entre os níveis da Formulação

A GDF é um modelo teórico que não admite apagamento de elementos na expressão linguística. Numa abordagem sintaticocêntrica, obviamente, ele seria necessário para explicar o fenômeno aqui analisado. É possível, no entanto, explicar esse fenômeno sem recorrer a regras de apagamento, como a seguir mostraremos.

A GDF, como já apontado, organiza-se em quatro níveis. A explicação para o fenômeno de não expressão de unidades sintáticas é decorrente da desarticulação entre os dois níveis da Formulação: o Nível Interpessoal e o Nível Representacional.

Na ocorrência em (36), é notório que o Falante pretende contrastar *por razões portanto eleitorais que nunca estiveram no meu espírito* com *por leitura que faço da constituição* e atualizar a informação pragmática do Ouvinte, acrescentando o segundo como a informação nova que deve substituir o primeiro; por isso, o molde de conteúdo acionado pela gramática é o Tético, já que o Falante intenciona suprir uma lacuna que ele imagina haver na representação mental do Ouvinte. No Nível Representacional, por sua vez, *por leitura que faço da constituição*, que veicula a função semântica Causa (_{Cause}), relaciona-se ao Estado de Coisas *eu ter a prudência de não cair nesse aspecto*, presente no cotexto e retomado anaforicamente.

(36) -> o presidente da república não tem no nosso sistema funções executivas. quem tem as funções executivas é o governo. na medida em que o presidente da república queira avançar mais do que deve, cai numa área de conflitualidade. e então é pior a emenda do que o soneto, [...] e eu tive a prudência de não cair nesse aspecto. [...] *não por razões portanto eleitorais que nunca estiveram no meu espírito mas por leitura que faço da constituição.* (PT90:PoderesChefeEstado)

Necessariamente, no segundo membro da coordenação adversativa substitutiva – e opcionalmente no primeiro –, há discrepância (*mismatches*) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2021) entre o Nível Interpessoal e o Nível Representacional, numa relação de um para mais de um, respectivamente; em outras palavras, a gramática seleciona um molde de predicação que é instanciado por duas entidades semânticas, mas apenas uma delas é evocada no Nível Interpessoal, pois a gramática aciona o molde de conteúdo Tético composto por um único Subato. A título de exemplificação, o segundo membro em (36) é representado em (37) nos dois níveis da Formulação, de modo a evidenciar o alinhamento e a discrepância entre os níveis.

- (37) $(A_i: [... (C_i: (T_i: (R_j: \text{-leitura que faço da constituição- } (R_j)) (T_i)) (C_i)_{\text{FOC-CONTR}}](A_i))$
 $(p_i: (f_i: [(f_i: (e_i: \text{-leitura que faço da constituição- } (e_i))_{\text{Cause}} (f_i)) (e_j)_{\text{U}}](f_i)) (p_i))$

Assim, enquanto o molde de conteúdo Tético faz com que o membro não oracional da coordenação adversativa substitutiva seja um Sintagma ou uma Palavra, o molde de predicação, Identificacional, Classificacional ou Relacional, por sua vez, confere a esse membro um carácter sentencial, proposicional, motivo pelo qual muitos gramáticos são levados a considerar a existência de apagamento, o que não se verifica.

Considerações finais

A GDF entende que a morfossintaxe desempenha um papel auxiliar no que se refere à transmissão de significado. No tipo de coordenação aqui estudada, para o segundo membro coordenado, a gramática prevê a codificação de apenas Sintagmas ou Palavras, tendo em vista que eles buscam veicular apenas uma informação de maneira focalizada. Ao mesmo tempo, essa informação compõe uma predicação de dois lugares. Um dos lugares é instanciado por uma entidade semântica de núcleo ausente retomada anaforicamente do Componente Contextual. Assim, a predicação se relaciona adequadamente ao registro construído e armazenado nesse componente. Apenas um modelo teórico que leva em conta a natureza situada da interação verbal, expressa na GDF pelos componentes que interatuam com a gramática de uma língua natural, é capaz de descrever satisfatoriamente o tipo de coordenação aqui analisada.

O Quadro 2 resume as propriedades pragmáticas, semânticas, morfossintáticas e fonológicas do membro não oracional do tipo de coordenação sob análise, além das relações de correspondência entre os níveis da gramática, tal que α é de qualquer categoria semântica. As chaves que envolvem neg e $_{\text{CONTR}}$ representam, respectivamente, a possibilidade de ocorrência do operador de negação, no primeiro membro, e da função pragmática Contraste, no segundo membro coordenado.

Quadro 2 – Alinhamento entre os níveis da Formulação e os da Codificação do membro não oracional da coordenação adversativa substitutiva

| | | |
|-----|--|---------------------|
| NI: | $(A_1; [\dots (\{neg\} C_1; (SA_1) (C_1)_{FOC-CONTR_1}] (A_1))$ | Tético |
| NR: | $(\{neg\} p_1; (f_1; [(\alpha_1; (f_1; \diamond (f_1)) (\alpha_1)) (\alpha_2)] (f_1)) (p_1))$ | Identificac. |
| | $(\{neg\} p_1; (f_1; [(\alpha_1; (f_1; \diamond (f_1)) (\alpha_1)) (\alpha_2)_U] (f_1)) (p_1))$ | Classificac. |
| | $(\{neg\} p_1; (f_1; [(f_1; (\alpha_1; (f_2; \diamond (f_2)) (\alpha_1))_\phi (f_1)) (\alpha_2)_U] (f_1)) (p_1))$ | Relac. |
| NM: | $\{(Gw_1; \text{não } (Gw_1))\} (Xw_1) \{(Gw_1; \text{não } (Gw_1))\}$ $\{(Gw_1; \text{não } (Gw_1))\} (Xp_1) \{(Gw_1; \text{não } (Gw_1))\}$ | Palavra Sintagma |
| NF: | $(f_{IP}; (PP)) (IP))$ | Frase Entonac. |

Fonte: Elaboração própria.

Espera-se, com este estudo, contribuir para a descrição, de base funcionalista, da coordenação adversativa substitutiva. Outros aspectos, como os padrões morfossintáticos e fonológicos da coordenação como um todo, são abordados por Pezatti e Galvão Passetti (2021) e Galvão Passetti (2021). Outras especificidades, como a presença de Contraste contrapressuposicional em um ou ambos os membros – por exemplo, *não (só) X mas (também) Y* –, entre outras, que não puderam ser aqui analisadas, ficam para futuras investigações.

Agradecimentos

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento (GD/CNPq Proc. No. 140383/2021-2 e PQ/CNPq Proc. No. 301257/2017-5, bolsas concedidas ao primeiro e ao segundo autor, respectivamente) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 (bolsa recebida durante realização de Mestrado Acadêmico pelo primeiro autor), que permitiram a condução dessa pesquisa e elaboração deste artigo.

GALVÃO PASSETTI, G. H.; PEZATTI, E. G. The substitutive adversative coordination *não x, mas y*: a functional discursive analysis to syntactic reduction. **Alfa**, São Paulo, v.67, 2023.

- **ABSTRACT:** *This paper investigates, from the perspective of Functional Discourse Grammar, the substitutive adversative coordination, in which the second coordinated member – and sometimes the first one too – is expressed by phrase or word, as in *cê num dá tanto valor ao ídolo, mas à música dele*. These structures have received little attention from functionalist*

studies, with the exception of the Semantics of Argumentation (ANSCOMBRE; DUCROT, 1977; VOGT; DUCROT, 1980). According to the theory adopted here, in these linguistic expressions, there are two related Discursive Acts, the second member of the coordination having a Thetic content frame with one Subact. Semantically, both members constitute Propositional Contents and, ultimately, predications, and the second member presents an Identificational, Classificational or Relational predication frame, formulated in an interaction between the Grammatical and Contextual components. Thus, the second member of the coordination is expressed by only a single phrase or word, as it aims to introduce a single new information (focal), considered important by the Speaker for updating the Addressee's pragmatic information. We advocate, in line with the adopted theoretical model, that there is no reduction of predication constituents in the second member; but that the phenomenon is the result of mismatch between the pragmatic and semantic levels in Portuguese grammar.

- **KEYWORDS:** *Adversative coordination; Contrast; Mas_{SV}; Reduction; Functional Discourse Grammar*

REFERÊNCIAS

ANSCOMBRE, J. C.; DUCROT, O. Deux Mais en français. **Língua**, Amsterdam, v. 43, p. 23-40, 1977.

CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA [CLUL]. **Português Falado: Variedades Geográficas e Sociais**. Programme LINGUA/SOCRATES, Lisboa: CLUL, 1995-1997. Disponível em: <https://www.clul.ulisboa.pt/recurso/portugues-falado-variedades-geograficas-e-sociais>. Acesso em: 9 abr. 2023.

DIK, S. C. **The Theory of Functional Grammar**. Edição de Kess Hengeveld. 2. ed. rev. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997a. Part I: The structure of the clause.

DIK, S. C. **The Theory of Functional Grammar**. Edição de Kess Hengeveld. 2. ed. rev. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997b. Part II: Complex and derived constructions.

GALVÃO PASSETTI, G. H. **Coordenação de constituintes não oracionais por meio de “mas” nas variedades portuguesas sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional: Concessão e Contraste**. 2021. 244f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2021.

GUIMARÃES, E. **Texto e argumentação: um estudo de conjunções em português**. Campinas: Pontes, 1987.

HARRIS, Z. **Notes du Cours de Syntaxe**. Trad. Maurice Gross. Paris: Le Seuil, 1976.

HARRIS, Z. **Mathematical Structures of Language**. New York: Wiley, 1968.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Interfaces, mismatches, and the architecture of Functional Discourse Grammar. *In*: CONTRERAS-GARCÍA, L.; GARCÍA VELASCO, D. (ed.). **Interfaces in Functional Discourse Grammar: Theory and Applications**. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2021. p. 15-58. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110711592-002>. Acesso em: 3 abr. 2023.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Negation in functional discourse grammar. *In*: KEIZER, E.; OLBERTZ, H. (org.). **Recent Developments in Functional Discourse Grammar**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 18-45. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/slcs.205.02hen>. Acesso em: 3 abr. 2023.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Grammar and context in Functional Discourse Grammar, **Pragmatics**, Amsterdam, v. 24, n. 2, p. 203-227, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/prag.24.2.02hen>. Acesso em: 3 abr. 2023.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Functional Discourse Grammar. *In*: HEINE, B.; NARROG, H. (eds.). **The oxford handbook of linguistic analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 367-400. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199544004.013.0015>. Acesso em: 3 abr. 2023.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199278107.001.0001>. Acesso em: 3 abr. 2023.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1975.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. 2 v. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0047404500007466>. Acesso em: 3 abr. 2023.

MACKENZIE, J. L. Testing for constituents: a response from Functional Discourse Grammar. **Language Under Discussion**, Ithaca, v. 5, n. 1, p. 45-51, abr. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.31885/lud.5.1.225>. Acesso em: 3 abr. 2023.

MATOS, G.; PRADA, E. Construções contrastivas de focalização: adversativas vs. concessivas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 20., 2004, Lisboa. **Anais [...]**. Lisboa: APL, 2005. p. 701-713.

McCRAWLEY, J. D. Contrastive negation and metalinguistic negation. *In*: THE TWENTY-SEVENTH REGIONAL MEETING OF THE CHICAGO LINGUISTIC SOCIETY, 2., 1991, Chicago. **Anais [...]** Chicago: Chicago Linguistic Society, 1991. p. 189-206.

MÓIA, T. Coordenações e aposições adversativas não frásicas em estruturas nominais. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 23., 2007, Évora. **Anais [...]**. Lisboa: APL, 2008. p. 345-358.

MUNN, A. B. **Topics on the syntax and semantics of coordinate structures**. 1993. 410 p.. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculty of the Graduate School, University of Maryland, Maryland, 1993.

PEZATTI, E. G. **A ordem das palavras no português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PEZATTI, E. G. **A ordem das palavras em português, aspectos tipológicos e funcionais**. 1992. 226f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1992.

PEZATTI, E. G.; GALVÃO PASSETTI, G. H. Coordenação não oracional adversativa. *In*: PEZATTI, E. G.; CAMACHO, R. G.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. (org.). **Construções coordenadas nas variedades portuguesas: uma abordagem discursivo-funcional**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2021. p. 259-302.

PEZATTI, E. G.; PAULA, D. C. F.; GALVÃO PASSETTI, G. H. Contraposição não oracional com *mas*: substituição e acréscimo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 61, p. 1-18, 13 fev. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/cel.v61i1.8653710>. Acesso em: 3 abr. 2023.

SCHWENTER, S. A. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese. **Lingua**, Amsterdam, v. 115, n. 10, p. 1427-1456, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2004.06.006>. Acesso em: 3 abr. 2023.

SOUSA, S. Contributos para o estudo das construções refutativo-rectificativas em PE. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 23., 2007, Évora. **Anais [...]** Lisboa: APL, 2008. p. 435-449.

TOOSARVANDANI, M. Corrective *but* coordinates clauses not always but sometimes. **Natural Language and Linguistic Theory**, Dordrecht, v. 31, n. 3, p. 827-863, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11049-013-9198-4>. Acesso em: 3 abr. 2023.

VOGT, C.; DUCROT, O. De Magis a Mas: uma hipótese semântica. *In*: VOGT, C.; DUCROT, O. **Linguagem, pragmática e ideologia**. São Paulo: Hucitec, 1980. p. 103-128.

Recebido em 10 de setembro de 2021

Aprovado em 13 de outubro de 2021